

Enferm Bras. 2023;22(3):275-76

doi: [10.33233/eb.v22i3.5500](https://doi.org/10.33233/eb.v22i3.5500)

EDITORIAL

O funeral do eu e o renascer do coletivo

Marco Orsini¹, Carlos Henrique Melo Reis², Acary Souza Bulle Oliveira³, Marco Antônio Araújo Leite⁴

¹*Universidade Iguazu, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

²*Centro Universitário de Valença, RJ, Brasil*

³*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), SP, Brasil*

⁴*Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil*

Como citar

Orsini M, Reis CHM, Oliveira ASB, Leite MAA. O funeral do eu e o renascer do coletivo. *Enferm Bras.* 2023;22(3):275-76 doi: [10.33233/eb.v22i3.5500](https://doi.org/10.33233/eb.v22i3.5500)

Em 1976, a escritora Adélia Prado lança o livro chamado *Bagagem*. Após 24 meses, ano de meu nascimento, *O coração disparado* é agraciado com o prêmio Jabuti. Em conversa telefônica com uma amiga estudante, concordamos que o “real professor” é aquele que mantém o prazer permanente em ensinar e aprender, ou seja, um irrequieto investigador, carregado de tolerância e simplicidade de um novel estudante.

Algumas pessoas acreditam que tudo (primeiro autor) que escrevi até esse editorial, para a renomada *Enfermagem Brasil*, não possui nenhum valor literário, tampouco científico. Sinceramente, eu também assim penso. Tenho capacidade de me criticar todos os dias, por várias vezes. Creio que o impacto de uma leitura densa, diária, associada à prática clínica podem nos tornar menos néscios em algumas áreas dos diversos saberes. E a cada dia que vamos consumindo conhecimento mais apequenados ficamos - nos escondendo entre as folhas de papel. Os livros, artigos científicos, monografias de mestrado e doutorado que nos fornecem “bagagens”, também podem abrir feridas expostas sobre a vulnerabilidade, o desapego, a limitação e os questionamentos sobre a vida.

Na atualidade, principalmente, pós-pandemia pelo Sars-Cov2, o conhecimento científico mostrou-se inicialmente insuficiente para responder as dúvidas de todos os

profissionais de saúde sobre os mecanismos de ação de um vírus. É verdade que não é um malandro sagaz, pois se assim se comportasse, não mataria o ser-humano - o faria refém, de trouxa - ficaria escondido nas entranhas de nosso material genético. Os retrovírus são mais astutos. Fato!

Todos os profissionais de saúde, pela primeira vez que me entendo por gente, se uniram e buscaram em conjunto uma solução: enfermeiros, biólogos, médicos, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, assistentes sociais, odontólogos e tantos outros. Alguns, com o EGO mais insuflado como divindades, sem pecados com suas abordagens de tratamento (modus operandi”), com ar de soberba e superioridade, fracassaram. A arrogância que reprimia a própria ignorância verteu-se em lágrimas. A moléstia desafiando novamente o ser-humano e a ciência.

O termo coletivo tornou-se mais visível; todos fomos colocados em nossos lugares - um xeque-mate provocado pelos (vírus) parasitas intracelulares obrigatórios despidos de metabolismo próprio. Uns miseráveis astutos e conhecedores/posseiros de toda a nossa maquinaria celular. E nós? Demoramos, mas em “coletivo” obtivemos respostas e os esprememos contra a parede com a ciência. Uma força tarefa sem o EU, mas com a pluralidade de todos os personagens envolvidos. E quem acha que é demais...coitado...tolo é...



Este artigo de acesso aberto é distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons (CC BY 4.0), que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.